
A NAÇÃO DIASPÓRICA JAPONESA EM *BRAZIL-MARU*, DE KAREN TEI YAMASHITA

The Japanese diasporic nation in *Brazil-Maru*, by Karen Tei Yamashita

Marta Matsue Yamamoto Otenio¹
Cleide Antonia Rapucci²

RESUMO: A partir de uma leitura do romance *Brazil-Maru*, de Karen Tei Yamashita, este artigo tem como foco principal discutir a formação das colônias japonesas no Brasil, bem como os motivos que levaram os imigrantes japoneses a investirem seus esforços no processo desse novo empreendimento. Algumas peculiaridades entre núcleos do interior paulista e a formação da comunidade Esperança do romance serão abordadas e confrontadas no presente trabalho. Os suportes teóricos sobre o conceito de Nação, de Ernest Renan, e as Comunidades Imaginadas de Benedict Anderson, constituem a base teórica para compreendermos a constituição da nação diaspórica japonesa no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Imigrantes japoneses; nação; colônias japonesas; *Brazil-Maru*.

ABSTRACT: From a reading of the novel *Brazil-Maru* by Karen Tei Yamashita, this article focuses mainly on discussing about Japanese colonies' formation in Brazil, as well as the reasons that stimulated Japanese immigrants to invest their efforts in the process of this new undertaking. Some peculiarities between nucleous in the countryside of the state of São Paulo and Esperança's community formation of this novel will be discussed and compared in the present work. The theoretical supports about the concept of Nation by Ernest Renan and the concept of Imagined Communities by Benedict Anderson compose the theoretical basis for understanding the constitution of Japanese diasporic nation in Brazil.

KEYWORDS: Japanese immigrants; nation; Japanese colonies; *Brazil-Maru*.

INTRODUÇÃO

A formação das colônias japonesas no Brasil sempre esteve vinculada à produção agrícola e este fato se deve principalmente pela sua história imigratória. Desde 1908, quando chegaram os primeiros imigrantes japoneses, estes vieram com contratos de trabalho em fazendas cafeeiras. O grande sonho era ganhar muito dinheiro em pouco tempo com o objetivo final de retornar o mais breve possível à terra natal, porém esse sonho foi sendo desfeito assim que os imigrantes experienciam a dura realidade nas

1 Doutoranda, FCL-UNESP-ASSIS, CAPES.

2 Doutora, FCL-UNESP-ASSIS.

fazendas. O regime de trabalho, ao qual os japoneses não estavam acostumados, semelhante à semi-escravidão e sob o olhar intimidador constante de um capataz prestes a castigar, foi uma das molas propulsoras para incentivar as fugas em massa. Nesse sentido uma certeza entre os imigrantes estava lacrada: “a fazenda de café não era lugar adequado para rápido enriquecimento” (HANDA, 1987, p. 205).

Sobre esse fracasso inicial da primeira leva de imigrantes para o Brasil, Tomoo Handa informa que, do total de 772 japoneses que foram distribuídos nas fazendas cafeeiras, em pouco menos de seis meses 430 japoneses haviam-se retirado. Após treze meses, apenas 191 restaram nas fazendas (HANDA, 1987, p.55). Handa explica que esse fracasso inicial teve contrapontos cruciais para o desentendimento entre imigrantes e fazendeiros; de um lado, entre os imigrantes, poucos eram realmente lavradores e a maioria das famílias eram artificialmente compostas; do outro lado, menos de vinte anos decorridos da abolição da escravatura, os fazendeiros ainda adotavam um regime de escravidão com relação aos trabalhadores imigrantes, não se importando com as condições de moradia e vida deles (HANDA, 1987, p. 56-57). O trabalho extenuante, as péssimas e precárias condições de moradia e a falta de honestidade por parte da maioria dos fazendeiros nos pagamentos dos salários, foram os principais fatores que incentivaram a evasão não somente dos imigrantes japoneses, mas também de outros imigrantes como os portugueses, italianos e alemães.

Acordar às 4 horas da manhã, trabalhar o dia todo até escurecer sob a vigilância dos capatazes como se fossem condenados ou escravos, a falta de comunicação por ignorância da língua portuguesa, a inanição pelo desconhecimento do uso dos ingredientes da culinária brasileira – banha, alho, arroz agulhinha, bacalhau, entre outros ingredientes culinários nacionais, e a falta de condições de proporcionar uma educação adequada aos filhos³, além dos ganhos que mal davam para a sua subsistência, tudo isso formou um aparato de completa desilusão nos primeiros imigrantes.

Passada essa fase de adaptação e de pioneirismo, cuja característica principal é o caráter temporário cerceado pelo sonho de sucesso fácil e de retorno à terra mãe o mais breve possível, embarcamos para o período de 1910 a 1930, período em que o próprio governo japonês passou a

3 Desde que o Japão emergiu de uma nação isolada por mais de três séculos e mergulhou na era da modernização, conhecida como a Era Meiji (1868), o país passou a difundir de forma bem acentuada a educação. A instrução educacional passou a ser uma das prioridades da nação japonesa e foi com esse sentimento que os primeiros imigrantes japoneses chegaram ao Brasil em 1908: a instrução de suas crianças era primordial (MIYAO, 1980, p. 91). Nesse sentido, como toda a família era obrigada a sair para trabalhar nos cafezais, a educação era deixada em último plano, causando uma grande inquietação nos colonos.

subsidiar o envio de seus súditos. Foi aproximadamente nessa época, numa tentativa “desesperada” de conter os protestos e os desânimos referentes à emigração para o Brasil, que foi iniciada a formação de núcleos agrários de imigrantes japoneses (TAKEUCHI, 2008). A historiadora Marcia Yumi Takeuchi ressalta que os estados de São Paulo e Pará foram os principais territórios eleitos para a aquisição de áreas públicas por empresas japonesas.

Por que o governo japonês investiu no incentivo da formação de colônias japonesas no Brasil, auxiliando nos trâmites para aquisições de terras? Embora possa parecer óbvio, uma das respostas reside no fato de o governo japonês não considerar nada interessante ter o retorno dos emigrantes ao país, principalmente porque o inchaço populacional ainda persistia. Dessa forma o desinteresse da população marginalizada em partir para o Brasil consistia em grande preocupação para o governo japonês. Apostar no nacionalismo exacerbado do povo japonês foi uma excelente estratégia política. Nas comunidades imaginadas de Benedict Anderson, o teórico define nação como “uma comunidade política imaginada” (ANDERSON, 2011, p. 32): em outras palavras, o Estado-Nação é uma comunidade na qual seus membros se identificam nas esferas cultural, política e histórica, culminando na formação de uma imaginada nação; sendo essa nação soberana e limitada ao mesmo tempo. Em muitos casos, a maioria dos membros de uma nação não conhecerão todos os compatriotas, contudo, haverá sempre uma cumplicidade entre eles. Nesse sentido, Anderson chama atenção, parafraseando Ernest Renan, para a essência de uma nação que consiste tanto em possuir muitas coisas em comum como esquecer muitas dessas coisas (ANDERSON, 2011, p. 32).

Ao questionar sobre o que é uma nação em *What is a nation?*, Ernest Renan dispara contra os parâmetros normalmente utilizados para definir uma nação. Nos seus estudos, a unidade de língua, de religião, de etnia ou de raça, não foram suficientes para definir uma nação. Algo além do material, cultural e físico poderia explicar quais motivos levar a determinação de uma nação:

Uma nação é uma alma, um princípio espiritual. Duas coisas, as quais na verdade são uma só, constituída pelo princípio da alma e do espírito. Uma reside no passado, uma no presente. Uma é posse comum de um legado rico de memórias; a outra no consenso atual, o desejo de viver junto, a vontade de

perpetuar o valor da herança que alguém recebeu de forma única⁴ (RENAN, 1990, p. 19).

Sendo assim, nada mais convincente que um discurso nacionalista para que os súditos japoneses embarcassem nessa nova empreitada diaspórica; um sacrifício em nome de um país que talvez nunca mais veriam e que permaneceria apenas nas lembranças; mesmo assim, o imigrante japonês comprometia-se a ser fiel à sua identidade nacional. Este ato simbolizava um sacrifício ou literalmente um suicídio voluntário⁵ para ajudar o país no seu desenvolvimento econômico.

Para suportar essa partida voluntária e se fixar, mesmo que temporariamente, fora do Japão, nada melhor do que estar em grupo, de forma que uma das condições básicas para um povo é compartilhar “as glórias do passado e possuir um sentimento comum no presente⁶ (RENAN, 1990, p. 19). Dessa forma, os indivíduos da comunidade imaginada do romance *Brazil-Maru*, de Karen Tei Yamashita, têm em comum a história de uma vida deixada para trás e o sentimento de recomeço num Novo Mundo. A distância do Japão provocará o esquecimento de muitos fatos, porém, esse espaço vazio poderá ser preenchido com a combinação de muita imaginação e alguns fatos reais.

A pesquisadora Arlinda Rocha Nogueira explica que a segunda fase da imigração japonesa para o Brasil (1925-1941) é marcada pela diversificação dos destinos que não mais se restringiam a lavoura cafeeira, sendo expandida para a de algodão e os núcleos coloniais (NOGUEIRA, 1984, p. 114). O subsídio do governo japonês foi uma estratégia elaborada com o intuito de amenizar a questão do excesso populacional japonês, cuja maioria da classe agrícola se encontrava em séria estagnação econômica. E uma das estratégias para o impasse do fracasso da imigração japonesa para o Brasil foi exatamente a aquisição de terras brasileiras pelo governo japonês e o incentivo aos seus nacionais para explorar e se fixar em terras brasileiras.

Esse novo fôlego emigratório incitado pelo governo japonês, cujo principal interesse seria intensificar cada vez mais o seu processo de

4 A nation is a soul, a spiritual principle. Two things, which in truth are but one, constitute this soul or spiritual principle. One lies in the past, one in the present. One is the possession in common of a rich legacy of memories; the other is present-day consent, the desire to live together, the will to perpetuate the value of the heritage that one has received in an undivided form.

As traduções nesse artigo são de minha autoria.

5 Poderíamos nos referir aqui aos *kamikaze*, de forma bem sucinta, foram os pilotos militares suicidas que durante a Segunda Grande Guerra Mundial eram recrutados para se jogar com seus aviões contra os navios inimigos.

6 To have a common glories in the past and to have a common will in the present.

colonização e exploração de recursos naturais além-mar, utilizou como ferramenta principal o Sindicato de Tóquio. Em 1913, o Sindicato de Tóquio sofre mudanças, passando a denominação de *Brasil Takushoku Kabushiki Kaisha*, nada menos que a Bratac (Companhia de Colonização do Brasil). Após seis anos, em 1919, é fundido ao *Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha* e, a partir de 1920, todas as terras adquiridas no Brasil por empresas privadas tiveram o controle do KKKK (sigla denominada pelos brasileiros). Tomoo Handa salienta que o núcleo Iguape – Estado de São Paulo, composto por Katsura, Registro e Sete Barras – passou a contabilizar uma área total de 75.853 hectares com a fusão acima mencionada (HANDA, 1987, p. 335).

BRAZIL-MARU: A COMUNIDADE JAPONESA IMAGINADA

Na ficção de Karen Tei Yamashita, Esperança é a colônia japonesa transplantada do Japão para o Brasil. A ideia seminal partiu do intelectual Momose-*sensei*, cuja difícil experiência nos Estados Unidos com relação aos ferrenhos protestos anti-ásiatcos, vê no Brasil uma nova chance para colocar em prática sua teoria de evangelização. A aquisição de terras pelo Barão Tamaki no Brasil é análoga aos seus esforços de imigração e colonização na Manchúria:

Momose-*sensei*, distante no Japão, convenceu um homem rico e de reputação do grande potencial do Brasil. O barão Tamaki comprou uma grande quantidade de terras em Esperança, no propósito de criar uma fazenda experimental. Era semelhante a um experimento que o barão estava tentando na Manchúria. O barão era um ausente proprietário de terras, enviando fundos e contratando homens para administrar projetos à meio mundo. Seijiro Befu foi especialmente contratado para trabalhar na fazenda do Barão Tamaki em Esperança. Ele se especializou em pequenos animais de fazenda: porcos, cabras e aves, em particular, frangos. Befu ficou desencantado com o panorama de trabalho do Japão, no qual o pequeno tamanho das fazendas impedia os modernos projetos em larga escala dos Estados Unidos e Europa, projetos que Befu estudou atentamente, mas sem esperança de jamais implementar. A oportunidade de

trabalhar na enorme fazenda do barão no Brasil era um sonho que se tornava realidade.⁷ (YAMASHITA, 1992, p. 59)

Para muitos, o Brasil simbolizava o celeiro das grandes expectativas quanto à produção em larga escala ou dos grandes projetos, esses na maioria das vezes impossíveis de serem realizados em áreas restritas como as do território japonês. Sobre esse fato, Jinqi Ling chama a atenção para a dimensão pouco discutida sobre “a relação problemática entre seus esforços de imigração e suas necessidades simultâneas para expansão imperial”⁸ (LING, 2012, p. 34). Conforme Ling, ao contrário do que ocorreu com os Estados Unidos e o Havaí, a imigração japonesa para a América Latina teve o envolvimento direto do governo japonês para garantir o sucesso dessa nova empreitada. Em 1927, com o Decreto das Cooperativas de Emigração no Exterior, o governo japonês garantia o caminho livre para a emigração em grande escala, bem como o estabelecimento de agricultores japoneses no Brasil e em outros países. Ling acrescenta que o romance de Yamashita mostra uma convergência de interesses que possibilitam a formação da comunidade Esperança; praticamente tudo flui conforme as expectativas: o Barão Tamaki compra as terras no Brasil, Momose-sensei, por sua vez é o idealizador de Esperança, e Takeo Okumura atua como o desbravador e pioneiro, futuramente o diretor da cooperativa (LING, 2012, p. 36).

Na nota de agradecimentos do romance *Brazil-Marú*, Karen Tei Yamashita destaca as comunidades de Aliança, Bastos e Guaraçai, onde coletou parte do seu material de pesquisa de campo entre 1975 a 1977. Ao pesquisar sobre esses três núcleos, encontramos várias interfaces históricas, as quais podem ser comparadas à comunidade ficcional Esperança. Entre as várias similitudes, poderíamos evidenciar alguns itens tais como: a posição social, a religião católica, o sentimento de permanência, o esporte e a questão da saúde.

7 Momose-sensei, far away in Japan, had convinced a man of wealth and standing of great potential of Brazil. Baron Tamaki had bought an enormous parcel of land in Esperança for the purpose of creating an experimental ranch. This was akin to a similar experiment the baron was attempting in Manchuria. The baron was an absentee landlord, sending funds and hiring men to administer plans formed a half-world away. Seiji Befu was hired especially to work on Baron Tamaki's ranch in Esperança. He had specialized in small farm animals: pigs, goats and fowl, in particular, chickens. Befu had become disenchanted with the prospect of working in Japan, where the smallness of the farms prohibited the modern large-scale projects of the United States and Europe, projects Befu had studied intently but without hope of ever implementing. The opportunity to work on the baron's enormous ranch in Brazil was a dream come true.

8 The problematic relationship between its emigration efforts and its simultaneous need for imperial expansion.

No capítulo intitulado *As peculiaridades do núcleo Aliança* o memorialista Tomoo Handa explica a formação desse núcleo, fundado no interior de São Paulo na data de 1 de outubro de 1924, com uma área inicial de 2.200 alqueires. Essa iniciativa teve o respaldo da província de Nagano, cujo governo foi responsável pelas primeiras verbas com o adendo financeiro do governo japonês.

A comunidade do núcleo Aliança, em particular, nos chama a atenção por apresentar algumas interfaces com a comunidade Esperança de *Brazil-Maru*. A trajetória biográfica do fundador de Aliança é bem similar com a do líder Kantaro Uno, da ficção de Yamashita. Em 1926, Isamu Yuba chega ao Brasil acompanhado de sua família: nessa época ele tinha 19 anos. No ano seguinte, Isamu organiza um time de beisebol e excursiona com o time pelo país; juntamente com alguns companheiros introduz na comunidade a avicultura e com isso, a agricultura fertilizada. Após a Segunda Guerra Mundial, em 1948, a comunidade adquire um piano e celebra a formação de um Coral, assim como, a construção de um palco provisório. Apesar do grande sucesso do empreendimento avícola, em 1956, a comunidade entra em falência e é despejada. Com o despejo e a divisão do grupo, Isamu Yuba funda uma nova comunidade e inicia uma nova fase cultural construindo o teatro Yuba. Em 1976, aos 70 anos, Isamu morre num acidente de carro.

Em *Brazil-Maru*, Kantaro Uno chega ao Brasil com sua família aos dezenove anos; com seu carisma e discurso convincente consegue reunir um grupo de jovens que o seguem como líder, e rapidamente forma um time de beisebol. Kantaro também consegue formar um grupo de dança, assim como implantar outras atividades artísticas, entre elas a pintura. Juntamente com o amigo Seiji Befu, promove a implantação da cooperativa avícola em Esperança. Contudo, devido às extravagâncias de Kantaro, Esperança entra em falência, suas terras são tomadas pelos bancos e o grupo se divide em dois: um é liderado por Ichiro Terada e o outro por Kantaro Uno. Alguns anos depois, Kantaro Uno morre em um acidente de avião.

As semelhanças entre a vida de Isamu Yuba e Kantaro Uno, apenas coincidências ou não, possibilitam uma visão comparativa entre a formação da comunidade de Aliança e Esperança. Algo inegável entre a realidade e a ficção é a visão encantadora de um Novo Mundo e a possibilidade de pôr em prática o audacioso projeto conhecido como a nova civilização:

Uma nova civilização. Talvez soe estranho nos dias atuais, mas naquele tempo, era a maneira que usávamos para falar sobre colonizar o Brasil, especialmente sobre a colônia particular

japonesa localizada no distante noroeste do Estado de São de Paulo, fundada por evangélicos cristãos, Momose-sensei, e onde meus pais escolheram o lote de número trinta e três: Esperança.⁹ (YAMASHITA, 1992, p. 7)

OS SUJEITOS SINGULARES DE ESPERANÇA

Nas festividades de 10 anos do núcleo Aliança – *Sousetsu Junen* em japonês – Tomoo Handa chama atenção para a publicação sobre a posição social dos imigrantes que fundaram o núcleo. Conforme Handa, nenhum núcleo de colonização já pesquisado conseguiu “reunir tantos intelectuais” como nesse núcleo de Aliança (HANDA, 1987, p. 418). No seu artigo intitulado “Pessoas singulares” foram citados imigrantes cujas profissões eram militares, pesquisadores, empresários, funcionários do governo, artistas e religiosos entre outras qualificações.

De forma bastante similar ao núcleo de Aliança, em Esperança a posição social daqueles que chegaram para colonizar a comunidade também é bem ressaltada no romance. Logo no navio as famílias Uno, Terada e Mizuoka são destaque entre os outros 600 passageiros. Na visão de Ichiro Terada, enquanto os demais passageiros eram trabalhadores temporários contratados para as plantações cafeeiras, sua família e as outras duas iriam ao Brasil como proprietários:

Minha família era diferente dos outros japoneses do navio. Nós pagamos pelas nossas passagens e estávamos destinados a colonizar a terra que compramos, enquanto os trabalhadores temporários estavam condicionados a trabalhar vários anos para pagar suas passagens. Mas, todos nós éramos parecidos nas nossas expectativas em relação ao Brasil: a riqueza prometida da colheita do café, a vastidão do país, a aventura de uma nova vida.¹⁰ (YAMASHITA, 1992, p. 7)

9 A new civilization. This perhaps sounds strange today, but in those early years, that is the way we used to talk about colonizing Brazil, especially about the particular Japanese colony located on the far northwestern corner of the State of São Paulo, founded by the Christian evangelist, Momose-sensei, and where my parents chose lot number thirty-three: Esperança.

10 My family was different from the other japanese on the ship. We had paid for our passage and were destined to settle land we had bought, while the contract laborers were committed to several years of labor to pay for their passage. But we were all alike in our expectations of Brazil: the promised wealth of the coffee harvest, the vastness of the land, the adventure of a new life.

Apesar das condições entre a família de Ichiro Terada e os demais passageiros serem diferentes com relação ao destino no Brasil, ele sabia que todos, sem exceção, tinham o sentimento único de prosperidade e riqueza nessa nova civilização. Enquanto a maioria nutria o desejo de enriquecer e retornar ao Japão, Ichiro sabia que, mesmo enriquecido, somente retornaria ao país natal de forma temporária.

Quanto à posição social dos imigrantes de Esperança, poderíamos dizer que seus colonos faziam parte de uma classe social bem diferenciada, amparada por uma formação escolar e cultural privilegiada; bastante similar aos imigrantes descritos no artigo sobre “pessoas singulares” da colônia Aliança. A pergunta norteadora é: Por que indivíduos com tais peculiaridades educacionais e culturais decidem largar tudo e deixar o seu país natal? Seria apenas o sentimento de criar uma comunidade diaspórica japonesa num país heterogêneo como o Brasil? Diversos podem ser os motivos para esse pequeno grupo escolher o Brasil como destino. Contudo, o principal elo entre seus membros é o sentimento e a certeza de que não mais retornarão à terra natal. Talvez isso possa soar triste, mas também pode significar o sentimento de orgulho ferido por não conseguir acompanhar as mudanças de modernização de seu país, sendo que aqueles que não conseguiram sobreviver ao Japão empobrecido e em vias de modernização foram taxados de *kimin* – em português, aqueles que abandonam o país, conforme Keiko Yamanaka (1996, p. 77). Tratando-se de um cidadão japonês, esse termo feria seu orgulho.

O pai de Ichiro Terada descendia de uma família de farmacêuticos; seguindo a tradição familiar, Kiyoshi Terada estudou e se formou em farmácia. Com a licença nas mãos, pretendia exercer o ofício na comunidade Esperança e arredores. A mãe, Sei Terada, era uma parteira especializada. Shūhei Mizuoka era um estudioso, intelectual e um mestre. Segundo Ichiro Terada, Shūhei Mizuoka passava horas imerso nos seus diversos livros. Apesar da posição social privilegiada, os Teradas não eram arrogantes ou esnobes. Na visão do pequeno Ichiro Terada, a família Uno transmitia certa superioridade com relação aos demais imigrantes.

Os Uno vieram da província de Hyogo e Naotaro Uno era o líder da aldeia onde moravam. Após se endividarem tiveram que vender tudo para saldar as dívidas; com o dinheiro restante resolveram adquirir um lote e recomeçar a vida no Brasil. Segundo comentários dos passageiros, ficamos infomados que Naotaro Uno era um religioso cristão formado na renomada Universidade de Keio. A suposta superioridade dos Unos perante os demais passageiros que viajavam sob a condição de trabalhadores contratados pelas fazendas de café, apenas reforça a tese de Jinqi Ling a respeito das condições

de uma minoria de imigrantes japoneses formando cooperativas e sendo elas lideradas por aqueles pertencentes à elite:

[...] Ao ser transplantado na sua essência agrária para o Brasil, contudo, esta idealizada vila japonesa torna-se totalmente anacrônica e auto-contraditória: mais do que um meio de renovar as aspirações agrárias frustradas sob a modernidade opressiva do Japão, torna-se um mecanismo direto de contribuir para o isolamento da comunidade imigrante do seu ambiente humano e natural. Isso, por sua vez, permite a minoria étnica informar o aspecto oficial da emigração japonesa para o Brasil na condição de reemergir em Esperança nas suas evidentes formas, especialmente através da influência das elites imigrantes ocupando posições de liderança.¹¹ (LING, 2012, p. 36-37)

Ao longo do romance, vamos descobrindo outros personagens cujas peculiaridades revelam sua posição social diferenciada dos demais colonos de Esperança. Akira Tsuruta era poeta, assistente de Mizuoka; Shigeshi Kasai, amigo de Kantaro Uno, era o editor do jornal *Brazil Shimpō*; Takashi Inagaki era artista; Shinkichi Kawagoe era um músico apreciador de músicas clássicas; Fuyuko era a professora de dança, além de muitos outros que contribuíram para a formação cultural e educacional da comunidade Esperança. A notoriedade de Esperança repercutiu por toda a colônia japonesa; numa das passagens do romance podemos destacar a surpresa de uma funcionária ao ouvir o nome Esperança:

“Esperança?” uma das mulheres exclamou de sobressalto.
“Dizem que apenas intelectuais vêm de Esperança.” Ela me olhou com interesse. “Você é um intelectual?”
“Intelectuais, Junko,” Sawada sorriu com graciosa urbanidade, “são pessoas com ideias. Kantaro não é somente um homem

11 When transplanted to essentially agrarian Brazil, however, this idealized Japanese village becomes utterly anachronistic and self-contradictory: rather than a means of renewing agrarian aspirations frustrated under Japan's oppressive modernity, it becomes a mechanism directly contributing to the immigrant community's isolation from its human and natural environments. This, in turn, allows the ethnic exceptionalism that informs the official aspect of Japanese emigration to Brazil to reemerge within Esperança in its flagrant forms, especially through the influence of the immigrant elites occupying leadership positions.

com ideias, mas um grande idealista.”¹²(YAMASHITA, 1992, p. 121)

A “intelectualidade” de Kantaro residia na sua capacidade de ser idealizador, de modo que ele tinha as grandes ideias e não poupava esforços para colocá-las em prática; o que muitos não sabiam era o preço pago pelos colonos para satisfazer as vontades infinitas de Kantaro, o grande idealista. Kantaro Uno tinha o grande sonho de tornar Esperança numa poderosa civilização através do amparo de uma rede de cooperativas. Sendo assim, Kantaro procurava investir em diversos setores: plantação de arroz, ovos, frangos, hortaliças, além de formar um grupo de jogadores de beisebol no intuito de divulgar a comunidade Esperança pelo Brasil.

A PRESENÇA DA RELIGIÃO CATÓLICA

A religião católica é uma peculiaridade dos colonos de Esperança, uma vez que a nação japonesa teve como protótipos religiosos universais o xintoísmo e o budismo¹³. Sobre a religião católica no Japão, a historiadora Celina Kuniyoshi explica que a cristianização japonesa foi obra seminal dos portugueses em meados de 1542 a 1639, ao mesmo tempo que eram estabelecidos o comércio entre Japão e Portugal. Inicialmente, a cristianização logo se propagou pelas ilhas de Kyushu e de Honshu; contudo, a tolerância com os missionários cristãos pelos governantes do Japão logo se desfez: os portugueses foram expulsos do país e iniciou-se o grande martírio dos cristãos com “cenas de tragédias, torturas, mortandades”, nas quais muitos cristãos japoneses morreram na cruz (KUNIYOSHI, 1998, p. 33-42). A expulsão dos portugueses marca o início do período de isolamento do Japão – *sakoku* (1639-1854) em japonês – sendo que, nesse ínterim, países como Rússia, França, Inglaterra e mesmo Portugal tentaram abordar o país.

Dentre os diversos motivos que incentivaram muitas famílias a buscar o Eldorado no Brasil, um deles foi o fato de o país ser católico. A esperança de viver nesse suposto “paraíso” onde a liberdade religiosa reinava,

12 “Esperança?” one of the women piped up. “They say only intellectuals come from Esperança.” She looked at me with interest. “Are you an intellectual?” “Intellectuals, Junko,” Sawada smiled with gracious urbanity, “are people with ideas. Kantaro is not only a man with ideas but a great idealist.”

13 O pesquisador Egon Schaden na sua análise comparativa entre os imigrantes alemães e japoneses, chama a atenção para o sincretismo religioso propagado nos lares dos imigrantes japoneses. Apesar de muitos possuírem oratórios budistas – *butsudan* em japonês – é percebida a presença de crucifixos e imagens de santos católicos (SCHADEN, 1980, p. 144).

foi uma das principais molas propulsoras para as três famílias do Brazil-Marú:

As pessoas lembraram a Rebelião do Arroz de 1918 quando 25.000 camponeses protestaram contra o alto preço do arroz. Este fato e mais tarde os movimentos pró-comunista e proletariado provocaram a repressão do governo. Para pessoas como meus pais, educados cristãos com sentimentos socialistas, o Brasil poderia ser um novo começo.¹⁴ (YAMASHITA, 1992, p. 6)

A família Uno era a única cristã de seu vilarejo no Japão; segundo comentários dos passageiros do Brazil-Marú, o tio de Naotaro Uno era um padre cristão. Na narrativa de Haru, ela explica que um dos principais motivos da vinda da família Uno era por causa dos constantes insultos sofridos por Naotaro Uno. Ele era alvo de maltratos por ser *yaso*, referência estigmatizada e altamente pejorativa para se referir aos cristãos. Mesmo durante o percurso da viagem do Japão para o Brasil, os demais passageiros ironizam o fato, talvez por inveja conforme a visão de Ichiro Terada, de serem cristãos:

“Eu também ouvi falar. Naotaro perdeu seu dinheiro abrigando alguns religiosos nas montanhas,” o homem ironizou. “Bom cristianismo. Mau negócio.”

Todos riram e balançaram a cabeça. “Estes cristãos têm cada ideia.”

“Tipos intelectuais com educação universitária.”

“Eles disseram que Naotaro é graduado da Universidade de Keio. Sua família eram os únicos cristãos no seu vilarejo. Seu tio era um padre cristão.”

“O que estas pessoas vão fazer no Brasil-apanhar café? Ha!”¹⁵
(YAMASHITA, 1992, p. 9-10)

14 People remembered the 1918 Rice Rebellion when 25.000 peasants protested the high price of rice. This and pro-communist and proletariat movements later provoked government repression. For people like my parents, educated Christians with socialist sentiments, Brazil would be a new beginning.

15 “I heard that too. Naotaro lost his money over some religious retreat in the mountains,” the man snickered. “Good Christianity. Bad business.”

They all laughed and shook their heads. “These Christians have other ideas.”

“Intellectual types with university educations.”

“They say Naotaro graduated from Keio University. His family were the only Christians in his village. His uncle is a Christian priest.”

Em 27 de março de 1932 é celebrada a cerimônia de inauguração da “Igreja Cristã de Aliança”¹⁶. Apesar de decorridos sete anos para a inauguração da construção da primeira igreja cristã em Aliança, Tomoo Handa explica que desde 2 de julho de 1926, os colonos já realizavam “cultos diários pela manhã e à tarde no pátio do alojamento” (HANDA, 1987, p. 424). No que diz respeito aos batizados, Handa enfatiza que entre junho de 1929 e abril de 1939, 42 pessoas foram batizadas, contabilizando um total de 114 fiéis da Igreja Cristã de Aliança.

Embora as colônias em foco sejam do interior paulista, é pertinente citar o trabalho de Dante de Laytano (1980), cuja pesquisa tem como eixo principal os imigrantes japoneses no Rio Grande e Santa Catarina. Conforme Dante de Laytano, os fiéis cristãos do Rio Grande do Sul, apesar de constituir uma diminuta parcela com relação aos demais habitantes, são bem atuantes. Na região de Ivoti há uma colônia de japoneses, reunindo 40 famílias, que recebem a visita de missionários duas vezes por mês; sendo que muitos já foram batizados (LAYTANO, 1980, p. 48).

Com as lentes direcionadas à questão do gênero, poderíamos destacar aqui o papel de gênero no âmbito da religião católica. O pesquisador Hugo Córdova Quero (2008) chama a atenção para o papel das mulheres no que concerne à dedicação, divulgação e pregação da religião. Numa pesquisa realizada com mulheres *nikkeis* que migraram para o Japão, Quero constatou que a maioria não se dedicava ou frequentava nenhuma entidade religiosa no Brasil; contudo, o deslocamento dessas mulheres para um novo país contribuiu de forma incisiva para um novo olhar sobre a religião, seja católica ou não. Quero destaca essas mulheres que, trabalhando como *dekasseguis* ou mesmo exercendo atividades domésticas, dedicam parte de seu tempo livre aos trabalhos da igreja católica como uma forma de devoção religiosa.

Embora a Igreja Católica, conforme Quero, tenha uma forte presença patriarcal na liderança, é nos afazeres “domésticos” da igreja – limpeza e organização do santuário, antes e depois da missa, entre outras tarefas – onde as mulheres ganham especial destaque e predominância; além de serem elas as protagonistas em divulgar e preconizar a religião (QUERO, 2008, p. 64). Essa divisão de papéis de gênero apenas reforça o quão o gênero é influenciado pela crença religiosa, por sua vez, nada inocente.

Em *Brazil-Maru*, a dedicação das mulheres de Esperança em pregar a religião católica e tentar salvar as almas perdidas, pode ser evidenciada

“What are these people going to do in Brazil-pick coffee?Ha!”

16 Grifo do autor.

pelas personagens Waka Uno e Sei Terada, cuja união tem o principal objetivo de realizar a vigília na casa dos Okumura. A família Okumura havia hospedado o famigerado Hachiro Yōgu, cujos rumores sobre sua origem tinham as mais diversas versões, uma delas era a de ser filho de um pastor cristão no Japão. Devido ao temperamento rebelde de Yōgu, este tentou por diversas vezes fugir do país, sendo financiado por Momose-*sensei* a deixar o Japão e partir para o Brasil. Para a maioria dos colonos, Yōgu tinha um passado criminoso e era necessário uma vigília constante na casa dos Okumura:

Muitos dias depois da chegada de Yōgu em Esperança, as pessoas entravam e saíam da casa dos Okumura, convencidos de que Yōgu cometeria algum tipo de crime horrendo. Minha mãe foi corajosamente passar as noites com Tomi Okumura sob o pretexto de estudos Bíblicos. Ela embrulhava sua Bíblia num *furoshiki*¹⁷ de seda lilás e encorajava meu pai de ir com ela. [...] A mãe de Saburo, Waka Uno, veio se juntar com minha mãe. Elas concordaram no compromisso de visitar Tomi Okumura, alternando as noites com suas Bíblias em *furoshikis*.¹⁸ (YAMASHITA, 1992, p. 28-29)

Por iniciativa das mulheres, a vigília na residência dos Okumura é feita camuflada sob o pretexto dos estudos bíblicos. Embrulhada em *furoshiki*, a Bíblia Sagrada era carregada como um escudo de proteção contra o famigerado Yōgu. O interessante, ou irônico, é que aos olhos de alguns os Okumura conseguiram converter Yōgu num homem “domesticado”, tudo “pela graça de Deus, milagrosamente domesticado”¹⁹ (YAMASHITA, 1992, p. 28). Contudo, Ichiro Terada suspeitava de um outro motivo pela conversão do “mal” para o “bem” de Hachiro Yōgu: a bela filha de 17 anos dos Okumura, Haru. Haru Okumura era uma jovem de personalidade forte, tempestuosa, teimosa e acima de tudo espontânea; ela era o lado oposto da

17 *Furoshiki* é um pano de tamanho médio, geralmente um lenço de seda, utilizado para embrulhar diversos objetos. Um costume muito evidenciado até nos dias contemporâneos.

18 For many days after Yōgu’s arrival in Esperança, people wandered in and out of the Okumura household, convinced that Yōgu would commit some sort of horrid crime. My mother went boldly over to spend the evenings with Tomi Okumura under the pretext of Bible studies. She wrapped up her Bible in a *furoshiki* of purple silk and encouraged my father to go with her. [...] Saburo’s mother, Waka Uno, came to gossip with my mother. They agreed to trade off visiting with Tomi Okumura, each arriving on alternate nights with their Bibles in *furoshikis*.

19 [...] by the grace of God, miraculously tamed.

maioria das jovens delicadas e obedientes de Esperança. As qualidades peculiares de Haru conquistaram o coração de Yōgu.

“DOUTOR TERRA”

Enquanto no núcleo Aliança um médico é convidado a integrar o hospital central da comunidade, em Esperança não há citação da construção de um hospital, mas de forma mais poética, o doutor era o farmacêutico Kiyoshi Terada, o Doutor Terra. Vale ressaltar que, ao passo que o médico da comunidade Aliança atendia preferencialmente os colonos da comunidade e de outras duas Alianças, o Doutor Terra atravessava as fronteiras de Esperança, percorrendo longas distâncias, para também atender as famílias brasileiras desprovidas de recursos financeiros. Graças ao seu espírito cristão, Kiyoshi Terada, que não cobrava pelos serviços prestados, conseguiu projetar sua fama de Doutor Terra numa extensão territorial inimaginável. Sem perceber a importância e a dimensão de seu trabalho voluntário, o codinome Doutor Terra pode ser interpretado como literalmente a própria terra, ou seja, ele pertencia e fazia parte do extenso território brasileiro. Provavelmente, o sentimento de não retorno ao país natal serviu como mola propulsora para o processo de transculturação de Terada, assim como o seu mergulho na cultura do outro, salientando que esse mergulho na cultura do outro não implica a perda da cultura original, mesmo que o sujeito seja “contaminado” pelos novos costumes, ele mantém traços e vestígios da cultura de origem.

O BEISEBOL: UMA PAIXÃO DOS JAPONESES

O núcleo de Bastos sempre foi um ponto de referência no que concerne ao esporte; esta fama é atribuída à Bratac (Companhia de Colonização do Brasil) que contratava jogadores de beisebol para trabalhar em suas fazendas. Durante a manhã, os jogadores trabalhavam nos cafezais e à tarde se dedicavam ao treino de beisebol. Através desse incentivo, a Bratac Bastos ficou famosa pelo esporte, em especial o beisebol (HANDA, 1987, p. 446). Yamashita dedica o capítulo 3 (p. 23) da primeira parte do romance a fim de narrar a formação do time de beisebol em Esperança; além do esporte em questão, também é enfatizada a formação da escola comunitária. A nova escola tem como mantenedor o intelectual Shūhei Mizuoka; segundo Ichiro Terada, apesar de Shūhei Mizuoka ser um grande estudioso, ele peca por imergir cegamente nos seus princípios filosóficos.

Em *Brazil-Marú*, Kantaro Uno é o líder responsável que conduz o time de beisebol de Esperança. Enquanto os brasileiros são os eternos apaixonados pelo futebol, os japoneses idolatram o beisebol. Para Ichiro Terada, é curioso saber como a maioria dos brasileiros percebem o esporte, pois eles conferem ao beisebol a notoriedade de ser um esporte japonês; um mito duvidoso.

O beisebol, termo de origem inglesa *baseball*, tem suas raízes na Inglaterra. A partir do século XIX, o beisebol foi levado para os Estados Unidos através de imigrantes britânicos; o norte-americano Alexander Cartwright criou as regras para o esporte na década de 1845 e, a partir de meados de 1860 os norte-americanos popularizaram o jogo, tornando-o uma febre nacional. O beisebol chegou ao Japão durante a Era Meiji (1873), graças à abertura as transações comerciais com o exterior através dos convênios universitários. No Brasil, ao contrário do que muitos pensam, o esporte chegou trazido pelas mãos de funcionários americanos de empresas como a Light, Frigorífico Armour e o Consulado dos Estados Unidos²⁰.

Provavelmente, o mito do beisebol ser um esporte japonês deve-se ao fato dos imigrantes japoneses terem formado times entre os integrantes de sua comunidade e excursionarem nos campeonatos pelo Brasil. Assim como o beisebol se tornou um esporte nacional no Japão, os imigrantes trouxeram essa carga cultural para o Brasil, tornando-o “uma parte de uma das heranças do imigrante. O beisebol tornou-se um tipo de peculiaridade a ser passado de geração à geração²¹” (YAMASHITA, 1992, p. 25).

O interessante é que o beisebol é um esporte que ainda continua tendo notoriedade apenas entre os descendentes de japoneses; raramente encontramos os não-descendentes interessados nesse tipo desportivo. Apesar de apenas o beisebol ser mencionado no romance *Brazil-Marú*, o softball, versão feminina, também é amplamente divulgado e tem ganhado muitas adeptas nesse esporte.

O SENTIMENTO DE LAR

O conceito de diáspora, conforme Avtar Brah, possibilita uma crítica aos discursos estereotipados de origens fixas e colabora para o desejo de estar em “casa” (BRAH, 1996, p. 180). O conceito de lar carrega em si a

20 Informações obtidas através do site <http://www.19cbaseball.com> e <http://www.inventors.about.com/od/bstartinventions/a/baseball>. Acesso em 02 dez 2012.

21 A part of one's immigrant heritage. Baseball became a kind of cultural trait to be passed from generation to generation.

tentativa do sujeito diaspórico de fixar-se em algum lugar, mesmo sabendo que jamais poderá esquecer sua terra natal. Apesar de o conceito de lar, assim como o de dispersão, provocarem uma tensão entre o desejo de lar e crítica aos discursos de origens fixas, os sujeitos diaspóricos têm o respaldo do forte sentimento de esperança e recomeço de uma vida melhor. Nesse sentido, *Brazil-Marú* evidencia a tentativa de um pequeno grupo de imigrantes japoneses de se estabelecer em terras ultramarinas. Desde as primeiras páginas, o leitor já é informado sobre os verdadeiros propósitos de não retorno à terra natal. Embora os propósitos desse pequeno grupo de católicos sejam divergentes em alguns aspectos, em relação ao trabalho temporário e o breve retorno ao Japão, objetivos da grande maioria dos chamados *dekasseguis*, a similaridade reside nas expectativas de enriquecimento rápido na terra prometida. O Brasil, sem dúvidas, representava o paraíso, a terra onde as utopias poderiam florescer ou desaparecer para sempre.

Com exceção de Mizuoka que embarca sozinho, as famílias Terada e Uno partem com a família toda para o Brasil. A utopia de uma nova vida ou um novo lar, aos olhos de muitos uma verdadeira asneira, foi o motivo para trazer a velha senhora Uno de 88 anos; convencida pelo neto Kantaro Uno sobre a possibilidade de recomeçar a vida num país distante, ela abandona suas raízes no Japão para acompanhar a família. Porém, o entusiasmo de um novo lar não foi suficiente para que a avó Uno pudesse usufruir e sentir a nova vida; em pouco tempo ela adocece e vem a falecer no mesmo ano de sua chegada à Esperança. Do mesmo modo que ocorre com uma planta, o transplante é uma ação muito delicada, pode ser que a nova terra seja propícia à planta transplantada, mas também ela pode se tornar nociva. No caso da avó Uno, devido à avançada idade e à extenuante viagem, os ares do novo território e a utopia de reconstruir um novo lar não foram suficientes para mantê-la viva. Já no caso da família Terada, o novo território trouxe mais esperança com o nascimento de Kōichi.

O recém-nascido é por excelência o mito do recomeço e da renovação, nesse sentido, o nascimento de Kōichi Terada simbolizava o sentimento de pertença numa nova terra e a reconstrução de uma nova vida:

Eu me senti zangado por ter sido deixado de fora e caminhei mal-humorado por trás da casa, onde estivemos consertando a parede com barro vermelho. Aqui e lá o barro úmido tinha caído das ripas de bambus, daí podia ver dentro da casa. Eu olhava através das fendas em nossa obra, cutucando aqui e lá com meus dedos. De repente, parei. Através da parede ouvi o baixo gemido de minha mãe, daí eu vi meu novo irmão – Kōichi, nome que meu pai iria dar – saindo de minha mãe

numa fina camada de sangue. Meu pai disse, “Ah, é um menino. É um menino. Nascido no Brasil! Nascido no Brasil!”²²(YAMASHITA, 1992, p. 16)

O nascimento de Kōichi Terada no Brasil representou motivo de grande orgulho para o pai de Ichiro, principalmente pelo fato dele acreditar na possibilidade de se estabelecer e talvez criar raízes nesse novo espaço. O sentimento de lar é reforçado pela simbologia do nascimento de uma criança em terras estrangeiras; as lembranças dessas primeiras experiências com o espaço de migração serviram para nutrir e reforçar o “sentir-se em casa”, tão bem alimentado pelo pai de Ichiro Terada.

CONCLUSÃO

O processo da formação da nação diaspórica japonesa no Brasil é resultante do forte legado dos séculos de isolamento japonês, culminando num nacionalismo exacerbado. Mesmo em terras ultramarinas, o imigrante japonês jamais deixou de imaginar a sua nação e abandonar o sentimento nacional. Dessa forma, os núcleos japoneses foram formados com o intuito de conservar as tradições e preservar as heranças culturais de sua terra natal. Conforme Ernest Renan (1990, p. 19), a nação encerra o sentimento comum de “um rico legado de memórias”²³ e de um passado de sacrifícios e devoção. Renan (1990, p. 19) acrescenta que “ter glórias em comum no passado e ter um desejo em comum no presente”²⁴ são as condições essenciais para a formação de um povo. Assim, Esperança na ficção de Karen Tei Yamashita simboliza a tentativa de um grupo de imigrantes cristãos em transportar e implantar no Brasil, um Japão deixado para trás.

22 I felt angry about being left out and walked sullenly around to the back of the house, where we had been patching the wall with red mud. Here and there the damp mud had fallen away from the bamboo slats, and I could see into the house. I peered through the gaps in our handiwork, poking here and there with my fingers. Suddenly I stopped short. Through the wall I heard my mother’s low groan, and then I saw my new brother – Kōichi, my father would name him – emerging from my mother in a thin film of blood. My father said, “Ah, it’s a boy. It’s a boy. Born in Brazil! Born in Brazil!”

23 A rich legacy of memories.

24 To have common glories in the past and to have a common will in the present.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad Denise Bottman. 2ª. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BRAH, Avtar. Diaspora, Border and Transnational Identities. In: _____. *Cartographies of Diaspora: Contesting Identities*. London; New York: Routledge, 1996. p. 178-248.

HANDA, Tomoo. *O imigrante japonês: História de sua vida no Brasil*. São Paulo: T.A. Queiroz; Centro de Estudos Brasileiros, 1987.

KUNIYOSHI, Celina. *Imagens do Japão: uma utopia de viajantes*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

LAYTANO, Dante de. Japoneses no Sul: Rio Grande do Sul e Santa Catarina. In: SAITO, Hiroshi (Org.), *A presença japonesa no Brasil*. São Paulo: T.A. Queiroz; Editora da Universidade de São Paulo, 1980, p. 39-66).

LING, Jinqi. Southward Migration: Empire Building and Transculturation in *Brazil-Marú*. In: *Across Meridians: History and Figuration in Karen Tei Yamashita's Transnational Novels*. California: Standford University Press, 2012, p. 30-59.

MIYAO, Sussumu. Posicionamento social da população de origem japonesa. In: SAITO, Hiroshi (Org.), *A presença japonesa no Brasil*. São Paulo: T.A. Queiroz; Editora da Universidade de São Paulo, 1980, p. 91-100.

NOGUEIRA, Arlinda Rocha. *Imigração japonesa na história contemporânea do Brasil*. São Paulo: CENB/Massao Ono, 1984.

QUERO. Hugo Córdova. *Encounter Between worlds: Faith and Gender among Japanese Brazilian Migrants in Japan*. Disponível em: <http://gtu.academia.edu/HugoCordovaQuero>. Acesso 6 jun 2013.

RENAN, Ernest. What is a nation. In: *Nation and Narration*. London; New York: Routledge, 1990, p. 8-22.

SCHADEN, Egon. Imigrantes alemães e japoneses: uma visão comparativa. In: SAITO, Hiroshi (Org.), *A presença japonesa no Brasil*. São Paulo: T.A. Queiroz; Editora da Universidade de São Paulo, 1980, p. 135-152.

TAKEUCHI, Marcia Yumi. *A comunidade japonesa no Brasil (1908-1924). Quistos étnicos ou espaços de identidade imigrante?* *Storicamente*, 4, 2008. Disponível em http://www.storicamente.org/07_dossier/migrazioni-takeuchi.htm. Acesso em 07.10.2012.

YAMANAKA, Keiko. Return Migration of Japanese-Brazilians to Japan: The Nikkeijin as Ethnic Minority and Political Construct. *Diaspora: a Journal of Transnational Studies*. Toronto, v. 5, n.1, p. 65-97, 1996.

YAMASHITA, Karen Tei. *Brazil-Marú*. Minneapolis: Coffee House Press, 1992.

Data de recebimento 16 jul. 2013

Data de aprovação 30 jan. 2014